

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO "LATU SENSU"
AVM FACULDADE INTEGRADA

A DIDÁTICA NO ENSINO SUPERIOR

POR: PAULO RICARDO PINTO RODRIGUES DA COSTA

ORIENTADORA
PROF. EDLA TROCOLI

RIO DE JANEIRO

2011

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES

PÓS-GRADUAÇÃO "LATU SENSU"

AVM FACULDADE INTEGRADA

A DIDÁTICA NO ENSINO SUPERIOR

Apresentação de monografia à AVM Faculdade Integrada como requisito parcial para a obtenção do grau de especialista em Docência do Ensino Superior.

Por : Paulo Ricardo Pinto Rodrigues da Costa

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos ao corpo docente da AVM Faculdade Integrada, aos autores e a todos que contribuíram de alguma forma com o desenvolvimento deste trabalho.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha esposa Cristina e a minha filha Beatriz, pela compreensão, paciência e ajuda em todos os sentidos.

RESUMO

O objetivo deste estudo é discutir a importância da Didática no Ensino Superior. O trabalho será desenvolvido mostrando a história da Didática e seus personagens mais importantes. Será abordado a Didática como tema principal, com um desdobramento na metodologia e na prática de ensino. O papel do professor (docente) é fundamental no processo de aprendizagem, porém sem o auxílio da Didática torna-se mais difícil. Este trabalho tem como objetivos específicos: compreender e verificar como a Didática é aplicada no Ensino Superior, e como objetivo geral: mostrar a importância da Didática no Ensino Superior.

Palavras-chave : Didática, Ensino Superior, Docente.

METODOLOGIA

O trabalho será desenvolvido através de estudo e pesquisa em livros, revistas, jornais e internet.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - Evolução histórica da Didática	9
CAPÍTULO II - O que é Didática?	16
CAPÍTULO III – Qual a importância da Didática no Ensino Superior?	22
CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
ÍNDICE	32

INTRODUÇÃO

A Didática é de extrema importância no Ensino Superior e traz benefícios e influencia diretamente no resultado do aprendizado do aluno (discente), bem como facilita o trabalho do professor e reflete na qualidade de ensino.

Através da Didática o docente tem um maior domínio da matéria que está sendo ensinada e consegue que os alunos tenham mais atenção e estímulo para o aprendizado.

A palavra Didática vem de uma expressão grega que pode se traduzir como arte ou técnica de ensinar, é uma ciência cujo objetivo é ocupar-se das estratégias de ensino e aprendizagem e das questões relativas à metodologia, ou seja, a Didática ajuda o professor (docente) a ensinar de forma científica, dirigindo e orientando a aprendizagem.

Independente da sua especialização, o docente tem necessidade de ensinar com Didática para que o aluno se desenvolva bem e melhor, adquirindo assim uma educação de qualidade superior.

O fato de o docente ter o título de Doutor em um determinado assunto, não garante que ele seja um professor com qualidades para ensinar, a não ser que utilize da Didática.

Muitos docentes têm pleno conhecimento de uma determinada disciplina, como por exemplo: História, Geografia ou Literatura, mas quando tem que ensinar, não consegue levar o discente a aprender um determinado assunto ou adquirir conhecimento, justamente por falta de Didática.

A docência no Ensino Superior necessita de professores que, tenham capacidade e competência para garantir um aprendizado eficiente e ao mesmo tempo agradável. Na sala de aula, ele tem que ser um profissional que usa do planejamento, definindo os objetivos de ensino, selecionando conteúdos, escolhendo as estratégias de ensino mais adequadas e promovendo uma avaliação de acordo com a aprendizagem, tudo isso respeitando as exigências do ambiente de trabalho.

A Didática é uma ciência que auxilia e muito no desempenho do professor e na qualidade de ensino.

CAPÍTULO I

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA DIDÁTICA

Na antiguidade clássica, época dos gregos e romanos havia indícios de processos de ensino, mas a Didática não estava presente nas formas de ensino. Nessa época havia um predomínio na prática escolar de uma aprendizagem do tipo passivo e receptivo.

O aprendizado era baseado praticamente na memorização e a compreensão desempenhava um papel reduzido. Na Grécia, Aristóteles já difundia uma teoria na forma de ensino que era baseado no fato de que o ser humano era semelhante a um pedaço de cera ou argila úmida que podia ser modelado à vontade.

Ensinava-se a ler e a escrever pelo método da repetição de exercícios graduados, que iam aumentando o grau de dificuldade, o discípulo (aluno) aprendia a executar atos complexos, que com o tempo se tornavam um hábito.

Segundo Libâneo (1994, p.57) “[...] Pode-se considerar esta forma de ação pedagógica, embora aí não esteja presente o ‘Didático’ como forma estruturada de ensino”.

SÓCRATES (470 A.C.)

Um dos maiores pensadores da Grécia Antiga. Era através do diálogo que transmitia seus conhecimentos e sabedoria. Acreditava que a palavra era o melhor instrumento para levar o conhecimento ao discípulo, sobre as coisas do mundo e do ser humano.

As suas idéias e pensamentos foram conhecidos através dos seus discípulos: Platão e Xenofontes porque Sócrates não deixou nenhuma obra escrita.

Sócrates dizia: “Todo o meu saber consiste em saber que nada sei”.

PLATÃO (427 A.C.)

O Mais conhecido discípulo de Sócrates escreveu várias obras, entre as quais: Apologia de Sócrates que valoriza os pensamentos do mestre. Platão era a favor dos métodos de debate e conversação como forma de alcançar o conhecimento.

Platão dizia: “A educação deve possibilitar ao corpo e a alma toda à perfeição e a beleza que podem ter”.

ARISTÓTELES (384 A.C.)

Principal discípulo de Platão, foi outro filósofo grego importante. Professor de Alexandre ‘O Grande’, Aristóteles é considerado o criador do pensamento lógico. Valorizava a inteligência humana, única forma de alcançar a verdade.

Aristóteles dizia: “A Educação tem raízes amargas, mas os frutos são doces”.

Na idade média, tivemos a influência de outros filósofos que faziam uso da pedagogia com recursos de Didática, mas que ainda não eram reconhecidos como sendo Didática.

HUGO DE SAINT VICTOR (1096-1141)

Filósofo, Teólogo na época da Idade Média (Século XII), foi professor da Escola da Abadia de São Victor, em Paris. Criou um tratado intitulado “DIDASCALICON”(Da Arte de Ler), que serviu de referência para estudantes e professores de escolas da Europa Medieval, o tratado falava das formas de conhecimento.

JUAN LUIS VIVES (1492-1540)

Humanista, estudou na Universidade de Paris de 1509-1512, tendo se tornado professor de Humanidades da Universidade de Lovaina em 1519, um dos seus trabalhos mais importantes foi “DI DISCIPLINIS”(1531), que dava extrema importância a programas mais racionais de estudo. Através deste trabalho desenvolveu uma idéia de uma educação infantil diversificada e concreta, antes mesmo de Jean Jacques Rousseau desenvolver a sua teoria.

No século XVII surge a Didática como um novo campo de estudos e uma nova ciência devido a influência de educadores da época, como vamos ver a seguir. Constitui um marco revolucionário e significativo no processo de sistemização da Didática que contribuíram para reformas educacionais.

Quando o aprendizado é espontâneo, sem planejamento no processo de ensino-aprendizagem, pode-se dizer que não ocorre o uso da Didática. Dessa nova disciplina, espera-se reformas da humanidade, uma vez que deveria orientar educadores, responsáveis pela formação das novas gerações.

WOLFGANG RATKE (1571-1635)

Filósofo, Teólogo e Educador introduziu nas escolas alemãs o método intuitivo, bem como o ensino mútuo. Uma das suas obras é o “APORIAN DIDACTICI PRINCIPIO” que é um dos primeiros tratados sistemáticos sobre o ensino, “A arte de ensinar” ou “Método” era o que propunha para o ensino a pedagogia de Ratke. A Universalização do ensino é tema do seu trabalho pedagógico e o compromisso de escola pública para todos.

JAN AMOS KOMENSKY (COMENIUS (1592-1670))

Teólogo, Pastor, educador e pedagogo foi responsável através da “CARTA MAGNA” pelo começo da existência da Didática como teoria. A Arte de Ensinar e Aprender é o significado da Didática e Comenius desenvolveu o método : “A Arte de ensinar tudo a todos”.Através de uma educação realista e permanente, com ensinamentos a partir de experiências cotidianas e se preocupando com a diferença entre o ensinar e o aprender.

No século XVIII, a Educação bem como a Didática não tiveram grandes transformações ou movimentos. Rousseau é o autor da segunda grande revolução didática, sua obra dá origem a um novo conceito de infância.

JEAN JACQUES ROUSSEAU (1712-1778)

Filósofo do Iluminismo, teórico político e escritor tinha como idéia central que a educação não deve ter como objetivo reprimir e disciplinar as tendências naturais da criança, mas pelo contrário, incentivar a sua expressão e desenvolvimento.Rousseau diz que com a civilização, surge a desigualdade; a propriedade privada e a exploração do homem pelo homem.

IMMANUEL KANT (1724-1804)

Filósofo, professor ficou famoso sobretudo pela elaboração do denominado “Idealismo Transcendental”.A Filosofia é vista por ele como uma teoria do conhecimento. Sua reflexão filosófica foi muito abrangente pois “todo interesse de minha razão (tanto o especulativo quanto o prático) concentra-se nas três seguintes perguntas: 1. Que posso saber? 2. Que devo fazer? 3. Que me é dado esperar?”. (KANT,1787,P.83).

Na primeira metade do século XIX temos Herbart e Pestalozzi que estão entre a época de Rousseau e a Escola Nova.Os fundadores da Escola Nova criticaram propostas do trabalho de Herbart, que era sistemático.

JOHANN HENRICH PESTALOZZI (1746-1827)

Pedagogo e educador, pioneiro da reforma educacional, foi influenciado por Rousseau. Suas idéias sobre educação foram concentradas no livro intitulado “ Como Gertrudes ensina suas crianças”. Neste livro mostra o seu método pedagógico, de partir do mais fácil e simples, para o mais difícil e complexo. Pestalozzi foi um dos pioneiros da pedagogia moderna, influenciando profundamente todas as correntes educacionais, sendo uma referência.”A vida educa. Mas a vida que educa não é uma questão de palavras, e sim de ação. É atividade”. (Johann Henrich Pestalozzi).

JOHANN FRIEDRICH HERBART (1776-1841)

Filósofo e Psicólogo, fundador da Pedagogia como disciplina acadêmica, foi aluno do filósofo Johann Fichte (1762-1814) na Universidade de Lena. Os estudos mais importantes de Herbart foram no campo da filosofia da mente, a qual subordinou suas obras pedagógicas. Segundo Herbart, “A Pedagogia mostra os fins da Educação. A Psicologia, o caminho, os meios e os obstáculos”.

Na virada do século XIX, tivemos um movimento muito importante denominado de “Escola Nova”. Alguns dos seus fundadores e participantes foram: Ovide Decroly, Maria Montessori, John Dewey, Célestin Freinet entre outros. Estes fundadores fizeram uma profunda crítica à escola tradicional, problematizaram o papel do educador, do educando, da organização do trabalho pedagógico e construíram um compromisso com a transformação da escola.

Procuraram criar formas de organização de ensino com as seguintes características: globalização, interesse imediato do aluno, participação dos alunos e da comunidade, reorganização da didática e do espaço da sala de aula, entre outras coisas. A idéia básica da Escola Nova é a de que o aluno aprende melhor por si próprio e a sua Didática considerava-o como sujeito da aprendizagem. O centro da atividade escolar se concentra no aluno ativo e investigador. O professor teria um papel de orientador, incentivador do processo de aprendizagem.

GEORG KERSCHENSTEINER (1854-1932)

Pedagogo, trabalhava com as idéias de Pestalozzi, tendo sido seu discípulo. Criou uma pedagogia que valoriza a inteligência prática, voltada para o trabalho. Ele fundou e desenvolveu as escolas do trabalho, onde o objetivo era preparar o aluno para adquirir um saber para se tornar uma competência.

JOHN DEWEY (1859-1952)

Filósofo, pedagogo e escritor teve seu primeiro livro “Psychology” publicado em 1887. O pensamento de Dewey sobre a educação esta centrado no desenvolvimento da

capacidade de raciocínio e espírito crítico do aluno. Era de vital importância para ele, que a educação não se restringisse ao ensino do conhecimento como algo acabado.

O saber e habilidade adquiridos pelo estudante tinham que ser integrados à sua vida como cidadão, pessoa, ser humano. Segundo Dewey “A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida”.

OVIDE DECROLY (1871-1932)

Médico, desde o início da carreira desenvolveu um trabalho com a atenção voltada para as crianças deficientes mentais. Criou uma disciplina chamada de “Pedotecnia” dirigida aos estudos das atividades pedagógicas coordenadas ao conhecimento da evolução física e mental das crianças.

Viajou pelos Estados Unidos e durante esta viagem teve contato direto com John Dewey da Nova Escola. Decroly dizia: “o meio natural é o verdadeiro material intuitivo capaz de estimular forças escondidas das crianças”.

MARIA MONTESSORI (1870-1952)

Médica, Educadora baseou-se no trabalho de Eduardo Séguin (1812-1880) que era um médico francês, conhecido pelas suas idéias relacionadas ao tratamento e à educação dos anormais. Montessori desenvolveu um método que experimentava procedimentos utilizados na educação dos anormais, para as crianças de evolução regular.

O principal objetivo do método Montessori são as atividades motoras e sensórias visando especialmente, à educação pré-escolar e estendido a segunda infância. Montessori dizia: “O potencial de aprender está em cada um de nós”.

ÉDUOARD CLAPARÈDE (1873-1940)

Psicólogo, neurologista especializado no estudo do desenvolvimento infantil, teve destaque nas áreas da Psicologia infantil, da Pedagogia e da formação da memória. O trabalho de Claparède foi de extrema importância para a Pedagogia, porque desenvolveu uma teoria científica da infância, tendo como base a idéia de que se deveria levar em conta o estado de desenvolvimento da criança e dos processos mentais, dando importância ao ensino baseado no conhecimento das crianças.

O seu estudo influenciou no desenvolvimento das linhas do pensamento educacional do século XX, como a Escola Nova e o cognitivismo. Claparède dizia: “uma criança não é uma criança para ser pequena, mas para tornar-se adulta”.

ROGER COUSINET (1881-1973)

Professor, criou o sistema da educação progressiva, sempre procurou articular teoria e prática pedagógica, era adepto da Psicologia experimental. O “jogo” é a base do seu método pedagógico de trabalho em grupo. Para ele o jogo, a brincadeira, eram atividades naturais da criança, devendo a atividade educativa ser fundamentada nessas atividades. Cousinet substituiu a Pedagogia do ensino pela Pedagogia da aprendizagem.

ALEXANDER NEILL (1883-1973)

Professor, foi criador da famosa Escola de Summerhill, que se baseia em princípios radicais de liberdade dos alunos, autogestão e não-diretividade. Nela, os alunos não são obrigados a freqüentar as aulas. Para Neill, a repressão da liberdade do indivíduo impede o pleno desenvolvimento das capacidades humanas. Do ponto de vista do autor, o principal objetivo da educação é a liberdade.

JEAN PIAGET (1896-1980)

Psicólogo, biólogo, epistemólogo, considerado o maior expoente do estudo do desenvolvimento cognitivo. Através de minuciosa observação de crianças, Piaget desenvolveu a teoria cognitiva, onde define que existem quatro estágios de desenvolvimento cognitivo no ser humano: sensório-motor, pré-operacional (pré-operatório), operatório concreto e operatório formal, influenciando na Educação.

CÉLESTIN FREINET (1896-1966)

Pedagogo anarquista, criou em 1924 o movimento da Escola Moderna na França. Para Freinet, a educação deveria proporcionar ao aluno a realização de um trabalho real. As suas propostas de ensino estão baseadas em investigações a respeito da maneira de pensar da criança e de como ela construía seu conhecimento; a interação professor-aluno é essencial para a aprendizagem. Freinet dizia: “A democracia de amanhã se prepara na democracia da escola”.

No Brasil atualmente ainda são utilizados nas escolas métodos de Montessori, Piaget, Rousseau, Decroly entre outros. Nos dias de hoje temos pensadores como Paulo Freire, Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Rubem Alves, Edgard Morin que fazem parte da crise dos paradigmas da educação do século XXI.

FERNANDO DE AZEVEDO (1894-1974)

Professor, educador e sociólogo, fundou em 1931 a Biblioteca Pedagógica Brasileira (BPB). Redigiu o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (A reconstrução educacional no Brasil), em 1932, em que se lançaram as bases e diretrizes de uma nova política de educação. Escreveu vários livros sendo alguns sobre Educação: Novos

caminhos e novos fins. A política da Educação no Brasil (1935) e A Educação e seus problemas (1937).

ANÍSIO TEIXEIRA (1900-1971)

Educador, intelectual e escritor, importante personagem na história da educação no Brasil. Participou do movimento da “Escola Nova” no nosso país, que dava ênfase ao desenvolvimento do intelecto e na capacidade de julgamento ao invés do método da memorização. Fundador da Universidade do Distrito Federal, em 1935. Para Anísio Teixeira a educação é responsável pelo desenvolvimento social. Ele dizia: “Sou contra a educação como processo exclusivo de formação de uma elite, mantendo a grande maioria da população em estado de analfabetismo e ignorância”.

DARCY RIBEIRO (1922-1997)

Antropólogo, escritor e político, criou juntamente com seu amigo Anísio Teixeira, a Universidade de Brasília. O foco do seu trabalho eram os índios e a educação no Brasil. No governo de Leonel Brizola (1983-1987), Ribeiro criou, planejou e dirigiu a implantação dos Centros Integrados de Ensino Público (CIEP), considerado um projeto pedagógico visionário e revolucionário no Brasil.

O projeto dava assistência em tempo integral as crianças, através de atividades recreativas e culturais indo além do ensino formal. Sempre falou sobre a importância da Educação para o desenvolvimento do Brasil.

PAULO FREIRE (1921-1997)

Educador e filósofo, teve destaque na área da educação popular. Autor de “Pedagogia do oprimido” um método de alfabetização dialético. É respeitado mundialmente como educador, em função desse método. Paulo Freire dizia: “Mudar é difícil, mas é possível”. “ A educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

RUBEM ALVES (1933)

Psicanalista, educador, teólogo e escritor, “Ensinar” é descrito por Rubem Alves como um ato de alegria, um ofício que deve ser exercido, com paixão e arte. Ensinar é fazer aquele momento único e especial.

EDGARD MORIN (1921)

Antropólogo, sociólogo e filósofo francês, autor do livro “Os sete saberes da

educação do futuro”. Pai da teoria da complexidade, ele defende a interligação de todos os conhecimentos. Sua principal obra é “La Méthode” que ficou pronta após três décadas e meia. Trata-se de uma das maiores obras de epistemologia. É considerado um dos maiores pensadores da atualidade

CAPÍTULO II

O QUE É DIDÁTICA?

A palavra Didática vem de uma expressão grega que pode se traduzir como arte ou técnica de ensinar, seu uso difundiu-se com o aparecimento da obra de Jan Comenius (1592-1670), *Didactica Magna* ou Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos (1657). É uma ciência cujo objetivo é ocupar-se das estratégias de ensino e aprendizagem e das questões relativas à metodologia, ou seja, a Didática ajuda o professor (docente) a ensinar de forma científica, dirigindo e orientando a aprendizagem.

A Didática está diretamente ligada ao ensino: Por que ensinar? Para que ensinar? E como ensinar? Para aplicar uma Didática de ensino, é necessário que o professor sempre atualize seus conhecimentos e saberes.

A formação da teoria da Didática para investigar as ligações entre ensino-aprendizagem e suas leis ocorre no século XVII, onde os seus fundamentos eram baseados quase que exclusivamente na Filosofia, ficando assim até o final do século XIX. Isso pode ser comprovado nos trabalhos de Jean Jacques Rousseau (1712-1778), Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), Johann Friedrich Herbart (1777-1841), entre outros.

“A Pedagogia é o estudo sistemático da educação. É a reflexão sobre as doutrinas e os sistemas de educação. A Didática é uma seção ou ramo específico da Pedagogia e se refere aos conteúdos do ensino e aos processos próprios para a construção do conhecimento. Enquanto a Pedagogia pode ser conceituada como a ciência e a arte da educação, a Didática é definida como a ciência e a arte do ensino”. (HAYDT, Regina Célia, 2010, p.13).

A Didática é interdisciplinar, porque participa de todas as outras disciplinas. Serve como base para que o docente encontre a melhor forma de desenvolver sua função.

“Pois é certo que a Didática tem uma determinada contribuição ao campo educacional que nenhuma outra disciplina poderá cumprir. E nem a teoria social ou a econômica, nem a cibernética ou a tecnologia do ensino, nem a psicologia aplicada à educação atingem o seu núcleo central: o Ensino”. (CASTRO, 2006, p.21).

Desde a Antiguidade até o início do século XIX, predominava uma aprendizagem nas escolas baseada em métodos de memorização. A compreensão não tinha papel importante nesse tipo de aprendizagem. Ensinava-se a ler e escrever através de exercícios repetitivos que iam aumentando o seu grau de dificuldade.

A Didática está inserida dentro da Pedagogia e sendo parte dela tem uma base filosófica. No final do século XIX a Didática passou a buscar seus fundamentos também nas ciências do comportamento como: Biologia e Psicologia, deixando de se basear somente em aspectos filosóficos.

O planejamento é muito importante, mas na área da Educação é primordial, uma vez que ela é desenvolvida nos seres humanos a longo prazo, sem falar que deve ser continuada, principalmente para os profissionais de Pedagogia.

O Planejamento didático é que prevê as ações e procedimentos que deverão ser desenvolvidos pelo professor junto a seus alunos, e a organização das atividades discentes e das experiências de aprendizagem, com a intenção de atingir os objetivos educacionais definidos.

O docente deve saber definir objetivos de ensino, selecionar conteúdos, escolher as estratégias de ensino mais adequadas e promover uma avaliação comprometida com a aprendizagem.

O professor deve abandonar aquela velha postura de figura inatingível e senhor de todo o conhecimento para adotar uma postura preocupada em identificar as necessidades e aptidões de seus alunos. Deve agir como um fio condutor do conhecimento, incentivando os alunos a desenvolver seus próprios pensamentos e opiniões.

“Desde o século XVII, a Didática através de Comênio ficou mais visível. GASPARIN (1994, p.70-72), que era estudioso das suas obras, afirma:

Comênio vai do ensino à aprendizagem, da ação do professor à ação do aluno, ou seja, da docência à discência. [...] as palavras docente e discente, que encerram o sentido de que alguém está fazendo alguma coisa, referem-se à ação do professor e do aluno, pois a origem delas atesta que docere significa ensinar, fazer aprender, enquanto discere traduz o sentido de aprender. Seriam pois, duas ações distintas, mas complementares, interligadas e inseparáveis. [...] a aquisição de conhecimento não pode se dar unicamente, por uma das partes, isto é, ou só pelo ensino ou só pela aprendizagem. Uma e outra constituem duas faces intercambiáveis e inseparáveis do mesmo todo. O papel do aluno, o aprendente, o sujeito construtor do conhecimento, é de importância relevante na construção de sua autonomia, pois deve mostrar-se coresponsável pela construção de resultados em todos os momentos de seu percurso acadêmico.”(GASPARIN, J.L., COMÊNIO ou Da Arte de ensinar tudo a todos. Campinas: Papirus, 1994).

Ensinar e aprender faz parte de uma mesma realidade. Ao mesmo tempo que a Didática trata do ensino no que diz respeito ao professor considera a aprendizagem por parte do aluno.

A Didática do passado estava baseada na figura central do professor; na Didática contemporânea o personagem (sujeito) é o discente. Ela é uma ferramenta que facilita o docente a superar as dificuldades do processo de ensino e aprendizagem.

Comênio através da sua obra “A Arte de ensinar tudo a todos” procura mostrar que o seu método facilita o ensino:

A proa e a popa de nossa Didática será investigar e descobrir o método segundo o qual os professores ensinem menos e os estudantes aprendam mais; nas escolas haja menos barulho, menos enfado, menos trabalho inútil, e, ao contrário, haja mais recolhimentos, mais atrativo e mais sólido progresso; na Cristandade, haja menos trevas, menos confusão, menos dissídios, e mais luz, mais ordem, mais paz, mais tranquilidade. (COMÊNIO *apud* VEIGA, 2006, p.18).

A Didática é uma ciência utilizada para se fazer com que outra pessoa entenda o que você tem para ensinar, ou seja, está ligada diretamente ao ensino. Para ensinar alguma coisa é necessário o uso da metodologia. A Metodologia é o estudo dos métodos, ou seja, as etapas de um determinado processo que pode ser didático ou não. Ela é a explicação minuciosa, detalhada, exata de toda ação desenvolvida no método do trabalho a ser desenvolvido.

O processo de aprendizagem depende de cada pessoa, ou seja, é individual, sendo resultado de construção e experiência passadas que influenciam as aprendizagens futuras. Ao aprender a pessoa (aluno) soma aos seus conhecimentos novos conhecimentos. Um dos objetivos da Educação é aumentar o conhecimento do aluno, isto ocorrendo demonstra que houve um processo de aprendizagem.

Em todo processo de aprendizagem tem que existir motivação por parte do aluno (discente). É papel do educador encontrar meios de motivar os educandos para o aprendizado do objeto do conhecimento. A aprendizagem depende de vários fatores e de condições internas e externas ao sujeito, sendo um fenômeno extremamente complexo que envolve aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais, e culturais. Por este motivo cada indivíduo aprende a seu modo e tempo.

A motivação é um processo que se dá no interior da pessoa (aluno), estando, entretanto, intimamente ligado as relações de troca que o mesmo estabelece com o meio, principalmente, seus professores e colegas.

A motivação apresenta-se como o aspecto dinâmico da ação: é o que leva o sujeito a agir, ou seja, o que o leva a iniciar uma ação, a orientá-la em função de certos objetivos, a decidir a sua prossecução e o seu termo.

BOCK (1999, p.120-121) ”destaca que a motivação continua sendo um complexo tema para a Psicologia e particularmente, para as teorias de aprendizagem e ensino.”[...] também afirma: “que a preocupação do ensino tem sido a de criar condições tais, que o aluno”fique a fim” de aprender.

Outro detalhe extremamente importante é o planeamento da ação didática. O planeamento é indispensável em todas as áreas da atividade humana, quanto mais complexa a sociedade mais tem a necessidade de organização.

HAYDT (2010, p.94) afirma que: “Planejar é analisar uma dada realidade, refletindo sobre as condições existentes, e prever as formas alternativas de ação para superar as dificuldades ou alcançar os objetivos desejados. Portanto, o planeamento é um processo mental que envolve análise, reflexão e previsão . Nesse sentido, planejar é uma atividade tipicamente humana, e está presente na vida de todos os indivíduos, nos mais variados momentos”.

A função do planeamento das atividades didáticas é de contribuir para atingir os objetivos desejados; superar dificuldades; controlar a improvisação, bem como prever dificuldades que possam surgir durante a aula, adequar o trabalho didático aos recursos disponíveis e a realidade dos alunos e da escola.

O planeamento didático não pode e não deve ser somente um monte de palavras num pedaço de papel e de caráter burocrático. A finalidade dele vai muito além, sendo um processo ativo e dinâmico que envolve operações mentais como analisar, prever, selecionar, definir, estruturar, organizar.

A formulação de objetivos educacionais é fundamental na Didática, sendo importante estabelecer objetivos para a ação pedagógica.

“A ação, como sinônimo de atividade, é inerente ao ser humano. O homem é um ser que pensa e age. [...] E se o homem age, ele o faz em função de uma finalidade a ser alcançada. [...] É por isso que se diz que a atividade humana é finalista, ou seja, supõe fins a atingir. A educação sendo uma atividade humana, também se realiza em função de propósitos e metas. Assim, no processo pedagógico, a atuação de educadores e educandos está voltada para a consecução de objetivos”. (HAYDT, 2010, p.112)

Na área de educação temos vários tipos de planejamento que estão inseridos na ação didática: de um sistema educacional, escolar, curricular, didático ou de ensino.

O planejamento de um sistema educacional é feito em todos os níveis, ou seja, nacional, estadual e municipal. É um processo de análise e reflexão de todo o sistema educacional, que irá definir as suas metas.

O planejamento escolar é de caráter geral, é um processo de tomada de decisão quanto aos objetivos e ações pedagógicas e administrativas que dizem respeito a todos os funcionários da escola.

O planejamento curricular ou de currículo é a previsão dos diversos componentes curriculares que serão desenvolvidos no decorrer do curso.

O planejamento didático ou de ensino é a previsão das ações e procedimentos que o professor vai realizar junto a seus alunos, e a organização das atividades discentes e das experiências de aprendizagem, visando atingir os objetivos educacionais estabelecidos.

Um plano didático para ser bom tem que ter várias características como: coerência, sequência, flexibilidade, objetividade, precisão, além de outras.

Existe um método muito interessante que é chamado de método das unidades didáticas que consiste em desenvolver o ensino através de unidades amplas e globalizadas de conhecimento, procurando integrar os conteúdos de uma ou várias disciplinas curriculares. É um método didático ativo e foi divulgado por Henry Morrison, da Universidade de Chicago.

Morrison criticava o sistema de ensino tradicional, era a favor do que chamava de ensino globalizado, sendo o aprendizado numa unidade de aprendizagem.

No método das unidades didáticas, o papel do professor é o de facilitar o processo ensino-aprendizagem, orientando os alunos quanto à aquisição de conhecimento e habilidades cognitivas.

“O método das unidades didáticas é um sistema flexível e aberto, pois permite a incorporação de outras técnicas dentro de sua sistemática, isto é, durante o desenvolvimento da unidade, podem ser utilizadas diversas técnicas, procedimentos, recursos didáticos. Além disso, valoriza os interesses, as atividades e as experiências dos alunos, aproveitando-os como elementos básicos no processo de aprendizagem”. (HAYDT, 2010, p.219)

CAPÍTULO III

QUAL A IMPORTÂNCIA DA DIDÁTICA NO ENSINO SUPERIOR ?

Nos dias de hoje, a formação de um educador é de extrema importância para uma boa formação dos seus discentes. Muito se valoriza os diplomas de Mestrado e Doutorado para que um professor esteja apto a dar aulas numa Universidade, esquecendo que a Didática a ser aplicada é fundamental para alcançar os objetivos do ensino superior.

No que se refere à formação e preparação do professor universitário para o exercício de ensinar, estudos (PIMENTA e ANASTASIOU, 2002, p.32), sustentam a afirmativa da pouca atenção dada a este

segmento de ensino. MOROSINI (2001) analisa que a legislação de Educação Superior apresenta limites quanto à formação didática do professor; constituindo-se este, num campo de silêncio. Na lei há a explicitação apenas de que o docente do ensino superior deve ter competência técnica, mas não há uma definição da compreensão do termo. Aqui se apresenta uma flexibilidade de processo.

A Docência no ensino superior requer um profissional que, seja capaz de garantir um aprendizado agradável e eficiente. Um educador que saiba definir objetivos de ensino, selecionar conteúdos, escolher as estratégias de ensino mais adequadas e promover uma avaliação comprometida com a aprendizagem. Os professores universitários têm que aprimorar a sua atividade docente buscando cada vez mais informações úteis para a sua formação continuada.

A identidade da profissão do docente é o ensino, em função desse fator se faz necessário que a formação do professor seja condizente com as reais necessidades do Ensino Superior, ou seja, que o docente se torne um profissional capaz de garantir um aprendizado eficiente e agradável, com competência, dinamismo e fazendo uso de todas as estratégias de ensino, para alcançar os objetivos da Educação.

Os profissionais de ensino superior devem procurar ver a necessidade do desenvolvimento profissional na área de Didática. Essa questão da ação didática nas instituições de ensino superior é importante para o desenvolvimento da docência e suas implicações no cotidiano da aula e da vida universitária.

PIMENTA e ANASTASIOU (2002, p.37) afirmam que, embora os professores possuam experiências significativas e trajetória de estudos em sua área de conhecimento específica, é comum nas diferentes instituições de ensino superior o predomínio do “despreparo e até um desconhecimento científico do que seja o processo de ensino e de aprendizagem, pelo qual passam a ser responsáveis a partir do instante em que ingressam na sala de aula”

O professor deve levar o aluno ao conhecimento, independente da disciplina. Grande parte dos docentes se preocupa com o conteúdo da matéria, quando na verdade o foco do ensino deve ser uma educação que busque a formação do cidadão, do ser humano, do homem que saiba participar e refletir.

As vezes ouvimos algum aluno de universidade dizer: aquele professor conhece muito de Fisiologia, mas não tem Didática para ensinar. Ao docente universitário não cabe mais se colocar como sujeito central do processo de ensino-aprendizagem, melhor dizendo, apenas de ensino, com a simples tarefa de transmitir informações.

Atualmente, cabe ao docente o papel de ser um mediador do trabalho educativo, no qual se faz necessário construir habilidades pedagógicas suficientes para tornar o aprendizado mais eficaz, além de um bom nível de conhecimentos da área em que pretende lecionar.

Os docentes do ensino superior não apresentam uma identidade única, o que não é de se admirar se observada a diversidade e multiplicidade da educação superior brasileira. A atual legislação em vigor admite uma diversidade de tipos de instituições de ensino superior: Universidade, Centro universitário, Faculdades Integradas, Institutos ou Escolas Superiores. Em resumo, nas instituições de Ensino Superior o professor pode assumir diferentes funções: ensinar, pesquisar, administrar, sendo que a atividade comum é a Docência.

Durante muito tempo se considerou no nível do Ensino Superior que para ser um bom professor, bastaria ser comunicativo e dispor de grandes conhecimentos de uma determinada disciplina. Este tipo de pensamento tem base no fato dos alunos das escolas superiores serem adultos e por esse motivo não precisarem da ajuda de pedagogos.

“Os estudantes universitários, por já possuírem uma “personalidade formada” e por saberem o que pretendem, não exigiriam de seus professores mais do que competência para transmitir os conhecimentos e para sanar suas dúvidas. Por essa razão é que até recentemente não se verificava preocupação explícita das autoridades educacionais com a preparação de professores para o Ensino Superior. Ou melhor, preocupação existia, mas com

preparação de pesquisadores, ficando subentendido que quanto melhor pesquisador fosse mais competente professor seria”. (GIL, 2011, p.1)

A função do docente se tornou algo mais importante, responsável, abrangente, pois um professor do Ensino Superior deve aliar ao conhecimento específico da sua área o domínio da habilidade de educar, que implica a escolha de valores, fundamentos filosóficos e políticos sobre educação durante sua vida profissional.

Muitos professores hoje em dia quando estão à frente de uma turma, pensam em passar todo o seu conhecimento como especialista de uma determinada disciplina, numa aula expositiva onde praticamente só ele fala, instrui, orienta e centraliza tudo na sua própria pessoa, nas suas habilidades e qualidades, ou seja, fazem uma opção pelo ensino.

Mas existem docentes que vêem os discentes como os atores ou principais agentes do processo educativo, estando preocupados em detectar suas necessidades, aptidões e interesses com a intenção de auxiliá-los para o desenvolvimento de novas habilidades, atitudes e comportamentos. Suas atividades estão voltadas na figura do aluno e tudo que diz respeito a ele e seus interesses, possibilidades e condições para aprender. Atuam como mediadores e facilitadores da aprendizagem.

Nos dias de hoje, a maioria dos gestores da área de Educação pensam que o docente universitário, necessita de grande domínio dos conhecimentos na área que leciona, mas além de tudo, de habilidades pedagógicas para tornar o aprendizado mais eficiente. O professor universitário precisa ser globalizado, humano, educado nos parâmetros necessários a desempenhar a sua função.

“As deficiências na formação do professor universitário ficam claras nos levantamentos que são realizados com estudantes ao longo dos cursos. Nestes é comum verificar que a maioria das críticas em relação aos professores refere-se à “falta de didática”. Por essa razão é que muitos professores e postulantes à docência em cursos universitários vêm realizando cursos de Didática do Ensino Superior, que são oferecidos em nível de pós-graduação, com

freqüência cada vez maior, por instituições de Ensino Superior”. (GIL, 2011, p.2)

Durante muitos anos, em nosso país não havia uma preocupação com a formação do professor para lecionar no Ensino Superior. Acreditava-se amplamente de que “quem sabe sabe ensinar” e este pensamento contribuiu para que a seleção de professores para os cursos superiores tivesse prioridade pela competência no exercício da profissão correspondente, como por exemplo: Medicina, Direito e Engenharia.

Atualmente os cursos de mestrado são considerados o principal meio de preparação de professores para o Ensino Superior, porém não contemplam de modo geral a formação pedagógica. Existe uma alegação que o tempo médio para conclusão de um curso de mestrado é de dois anos e que não seria útil um mestrando cursar disciplinas de caráter didático-pedagógico, tendo que se concentrar nas de interesse para a conclusão da pesquisa. Deste modo fica uma lacuna na formação deste futuro professor de Ensino Superior.

Algumas instituições universitárias, para tentar suprir esta lacuna oferecem aos seus professores cursos de Metodologia e Didática do Ensino Superior. São cursos de pós-graduação “lato sensu” que no seu currículo constam disciplinas como: Planejamento de Ensino, Psicologia da Aprendizagem, Metodologia e Didática de Ensino. Estes cursos geralmente oferecem bons resultados para aqueles professores que estão motivados para o aprimoramento das suas competências pedagógicas.

Segundo pesquisa desenvolvida por Lortie (1975), se apresenta e se reforça um espaço de aprendizagem já bastante indicado e recorrente nas falas de professores, na atualidade, ou seja, a experiência como o lugar da aprendizagem da profissão, do ensinar.

Os professores dizem que o seu principal professor tem sido a experiência; eles aprenderam a ensinar através de ensaios e erros na sala de aula. Aquilo que eles visualizavam como processo de aquisição, são práticas testadas pessoalmente, não um refinamento ou aplicação de princípios de instrução geralmente válidos. Eles insistem que a influência dos outros são escolhidas através de seus conceitos pessoais e são sujeitas a testes práticos. As conotações do termo socialização parecem um tanto tendenciosas quando aplicadas a este tipo

de indução, visto que elas implicam numa maior receptividade para a cultura preexistente, que parece prevalecer. Os professores são, em grande parte, “formados por si mesmos”; a internalização do conhecimento comum é apenas uma pequena parte de seu movimento em direção à responsabilidade do trabalho (LORTIE, 1975, p.80)

Atualmente, os órgãos ligados a educação, as instituições universitárias e os próprios docentes estão voltados pela busca de uma formação mais completa para os profissionais que lecionam no Ensino Superior, para que eles possam estar preparados para desempenhar o principal papel do educador (professor) do Ensino Superior, que passa a ser, o de formar seres humanos (pessoas), com consciência ecológica e social, prepará-los para a vida e para a cidadania.

Os profissionais do ensino superior devem buscar uma formação pedagógica e as Universidades, Faculdades, Escolas Superiores procurar dar condições para que os docentes se preparem para o exercício do magistério.

De acordo com Masetto (2003), a formação para o exercício da docência, mais especificamente para ensinar no ensino superior, não tem uma longa história de investimento tanto por parte dos profissionais quanto dos espaços e agências formadoras. Surge, no Brasil somente cerca, de duas décadas em decorrência de uma autocrítica por parte dos diversos membros do ensino superior, principalmente professores.

Não há formação dos professores para a docência do ensino superior. Os processos de aprendizagem e os saberes ligados à docência são relegados ao segundo plano, deixados para o contexto de prática baseados, talvez na tese do “aprender fazendo” ou na concepção de que quem tem domínio do conhecimento específico sabe ensinar.

Existe uma falha de conhecimentos sobre processos de aprendizagem da docência pelo professor universitário. É necessário investigar ”como o professor universitário

aprende a ensinar”. É um fato de extrema importância quando se pensa na área da formação de professores, porém somente à pouco tempo está havendo uma preocupação em relação a esta abordagem “o que os professores precisam saber e como podem ser treinados” . (CARTER, 1990, p.291)

Nos estudos desenvolvidos por LORTIE (1975), Já havia um questionamento em relação a formação de professores. O autor destaca que na fase de transição de estudante para professor, a preparação é mínima, uma vez que se é estudante hoje e no dia seguinte já se é professor. Pode haver um “choque“ nesse primeiro momento entre a sua formação, concepção e o exercício prático do magistério. O docente aprende pela experiência, só tendo como auxílio à vivência anterior como aluno ao observar os seus professores ensinando, ou seja, aprende através da observação.

“O aprendizado por observação, que é a experiência de todos aqueles que entram na carreira de professores, começa o processo de socialização na profissão de uma forma particular. Ele familiariza os alunos com as tarefas do professor e faz com que eles pensem no desenvolvimento das identificações com professores. Ele, entretanto, não tem uma base para uma avaliação técnica informada das técnicas de ensino ou encoraja o desenvolvimento de orientações analíticas em relação ao trabalho. A menos que os professores experientes passem por experiências de treinamento que possam confrontar as suas experiências e tradições, a ocupação vai ser praticada por pessoas que tem pouca preocupação em construir uma cultura de técnica compartilhada. Na ausência desta cultura, as histórias diversas de professores vão ter um papel importante na sua atividade diária. A esse respeito aprendizagem por

observação é uma aliada da continuidade e não da mudança”. (LORTIE, 1975, p.67)

A Didática hoje em dia é uma ciência polêmica e diversificada nos seus vários tipos: Didática ativa, Didática nova, Didática renovada, Didática tradicional, Didática psicológica, Didática experimental, Didática sociológica, Didática filosófica, Didática moderna, Didática geral, Didática especial.

No Ensino Superior essa polêmica não parece ter muito efeito porque mesmo que os gestores da educação tenham a opinião que a Didática é de grande importância para a formação de professores nesse nível de ensino, muitos professores universitários não reconhecem isso como sendo necessário

Qual seria o lugar da didática na formação de professores? Qual a importância da Didática no Ensino Superior? Nos dias de hoje a Didática é na maioria das vezes definida como ciência, técnica ou arte de ensinar. Existem outras definições de acordo com outros estudiosos:

“parte da Pedagogia que trata preceitos científicos que orientam a atividade educativa de modo a torná-la mais eficiente (HOUAISS, 2001). A Didática é definida como a ciência e a arte do ensino. Para Masetto (1997), Didática é “o estudo do processo ensino-aprendizagem em sala de aula e de seus resultados”. (Apud GIL, 2011, p.2)

Atualmente, a polêmica em relação à Didática é bastante acentuada, sendo que vários educadores ligados a uma corrente conhecida como Didática crítico-social dos conteúdos defendem que é necessário, definir um projeto de sociedade que contemple a escola com função de transformação da realidade na qual está inserida. Um dos pensadores dessa corrente é José Carlos Libâneo que afirma:

Insistimos bastante na exigência didática de partir do nível de conhecimentos já alcançado, da capacidade atual de assimilação e do desenvolvimento mental do aluno. Mas, atenção: não existe o aluno em geral, mas um aluno vivendo numa sociedade determinada, que faz parte de um grupo social e cultural determinado, sendo que essas circunstâncias

interferem na sua capacidade de aprender, nos seus valores e atitudes, na sua linguagem e suas motivações. Ou seja, a subjetividade e a experiência sociocultural concreta dos alunos são o ponto de partida para a orientação da aprendizagem. Um professor que aspira ter uma boa didática necessita aprender a cada dia como lidar com a subjetividade dos alunos, sua linguagem, suas percepções, sua prática de vida. Sem essa disposição, será incapaz de colocar problemas, desafios, perguntas, relacionados com os conteúdos, condição para se conseguir uma aprendizagem significativa. [...] A Didática hoje precisa comprometer-se com a qualidade cognitiva das aprendizagens e esta, por sua vez, esta associada à aprendizagem do pensar. Cabe-lhe investigar como se pode ajudar os alunos a se constituírem como sujeitos pensantes, capazes de pensar e lidar com conceitos, argumentar, resolver problemas, para se defrontarem com dilemas e problemas da vida prática. [...] Para adequar-se às necessidades contemporâneas relacionadas com as formas de aprendizagem, a didática precisa fortalecer a investigação sobre o papel mediador do professor na preparação dos alunos para o pensar. [...] Nesse caso, a questão está em como o ensino pode impulsionar o desenvolvimento das competências cognitivas mediante a formação de conceitos teóricos. Ou, em outras palavras, o que fazer para estimular as capacidades investigadoras dos alunos ajudando-os a desenvolver competências e habilidades mentais. (LIBÂNEO, 2001, p.3)

CONCLUSÃO

A Pedagogia do Ensino Superior tem progredido com novos conceitos e novos métodos e juntamente com ela, a Didática que é a parte da Pedagogia que trata dos preceitos científicos que orientam a atividade educativa de modo a torná-la mais eficiente. A Pedagogia é reconhecida tradicionalmente como a arte e a ciência da educação, enquanto a Didática é definida como a ciência e a arte do ensino.

No que diz respeito à formação e preparação do docente universitário para o exercício do magistério no Ensino Superior é constatado através da legislação que o professor deste segmento deve ter competência técnica, mas não obrigatoriamente uma formação didática, sendo o trabalho do docente baseado no ensino, torna-se inadmissível que o mesmo tenha o domínio do conhecimento numa área científica, mas que não seja formado, preparado para desempenhar a sua função de “ser professor” com ênfase na Didática.

A Docência no ensino superior requer um profissional que, seja capaz de garantir um aprendizado agradável e eficiente. Um educador que saiba definir objetivos de ensino, selecionar conteúdos, escolher as estratégias de ensino mais adequadas e promover uma avaliação comprometida com a aprendizagem. Os professores universitários têm que aprimorar a sua atividade docente buscando cada vez mais informações úteis para a sua formação continuada, num eterno aprender para ensinar.

É de extrema necessidade que os professores do Ensino Superior se desenvolvam na área da Didática. O uso da ação didática nas instituições de ensino superior é importante para o desenvolvimento da Docência e suas implicações no dia a dia das aulas e no mundo universitário. Através da Didática o docente se torna na verdade um “Educador” que busca uma educação com foco na formação do cidadão, do ser humano, do homem que sabe participar e refletir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERBEL, Neusi Aparecida Navas. Metodologia do Ensino Superior-Realidade e Significado. Campinas:Papirus,1994.
- BOCK, Ana M. Bahia (org.) Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia. 13ª Ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra,1996.
- GIL, Antônio Carlos. Metodologia de Ensino Superior. São Paulo: Atlas, 1994.
- HAYDT, Regina Célia C. Didática Geral. São Paulo: Ática, 2010.LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1991.
- LÜDKE, Menga. Combinando Pesquisa e Prática no Trabalho e na Formação de Professores. São Paulo: Ande,1999.
- MOROSINI, M.C. (org.). Docência universitária e os desafios da realidade nacional. In: professor do ensino superior: identidade, docência, e formação. 2ª Ed. Ampl. Brasília: Plano Editora, 2001.
- NÉRICI, Imédio G. Introdução à Didática Geral-Dinâmica da Escola.Rio de Janeiro:Fundo de Cultura,1960.
- PIMENTA, S. G.ANASTASIOU, L. das G. C. Docência no ensino superior.São Paulo: Cortez, 2002.
- PERRENOUD, Philippe. Novas Competências para Ensinar-Convite à Viagem. Porto Alegre:Artmed, 2000.
- PILETTI, Claudino. Didática Geral. São Paulo: Ática, 1990.
- VASCONCELOS, Maria Lúcia M.C. A Formação do Professor do Ensino Superior. São Paulo:Pioneira,2000.

ÍNDICE

FOLHA DE ROSTO	2
AGRADECIMENTOS	3
DEDICATÓRIA	4
RESUMO	5
METODOLOGIA	6
SUMÁRIO	7
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	
EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA DIDÁTICA	9
CAPÍTULO II	
O QUE É DIDÁTICA?	10
CAPÍTULO III	
QUAL A IMPORTÂNCIA DA DIDÁTICA NO ENSINO SUPERIOR?	22
CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
ÍNDICE	33

